

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



RAISA DA SILVA OYARZABAL

**A HISTORIOGRAFIA DA MÚSICA POPULAR NO BRASIL
DESDE O ANO 2000**

PORTO ALEGRE

2014

Raisa da Silva Oyarzabal

**A HISTORIOGRAFIA DA MÚSICA POPULAR NO BRASIL
DESDE O ANO 2000**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História pelo curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Kerber

PORTO ALEGRE

2014

Raisa da Silva Oyarzabal

A HISTORIOGRAFIA DA MÚSICA POPULAR NO BRASIL
DESDE O ANO 2000

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em História pelo curso de
História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – UFRGS.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alessander Kerber (orientador)

Profa. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues

Prof. Dr. Cesar Augusto Guazzelli

*Aos que me apoiaram em todos os momentos deste trabalho:
Pai, mãe, Lari, Handyer, Felipe e Alessander.*

RESUMO

O presente trabalho se propõe a realizar um levantamento das teses e dissertações que produzidas nos Programas de Pós graduação em História do Brasil após o ano 2000, e que tenham a música popular como objeto de estudo. E a partir deste levantamento, verificar em que medida é possível enquadrar estes trabalhos nas categorias de análise temática propostas por Silvano Fernandes Baia, que em sua tese de doutorado organizou um mapa da produção historiográfica sobre a música popular para o período de 1971 a 1999. Com o levantamento realizado para este trabalho, chegamos a 66 teses e dissertações que possuem a música popular como objeto de estudo, representando um aumento quantitativo significativo quando comparado ao período estudado por Silvano Fernandes Baia, que encontrou 35 teses e dissertações em um recorte de 29 anos. Além do aumento quantitativo, o recorte temporal desta pesquisa também apresenta uma maior diversificação temática quando comparada aos resultados que foram obtidos por Baia, possibilitando a criação de novas categorias de análise temática.

Palavras-chave: música popular – categorias temáticas – Silvano Fernandes Baia

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. Silvano Fernandes Baia e a Música Popular como Fonte e Objeto da História	9
2. Música e Identidade Negra: Uma Nova Categoria?.....	13
Considerações Finais.....	22
Referências.....	24

INTRODUÇÃO

A música popular é objeto de pesquisas no Brasil desde a década de 1920. Inicialmente esta pesquisa não era feita por acadêmicos, mas sim por intelectuais – como Mario de Andrade, Renato Almeida e Oneyda Alvarenga – memorialistas, colecionadores, jornalistas, músicos e amadores. É apenas na década de 1970 que as Universidades começam a produzir publicações acadêmicas sobre o assunto na área de História, o primeiro trabalho acadêmico na área foi defendido em 1971.

Recentemente tem ocorrido um aumento na quantidade de teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-graduação em História que utilizam a música popular como fonte e/ou objeto de investigação.¹ Em relação a essa produção, também tem ocorrido um interesse pela investigação sobre a historiografia da música popular. Marcos Napolitano e Maria Clara Wasserman, por exemplo, ao analisarem a historiografia sobre o samba, concluem que a mesma pode ser dividida em dois grupos: 1. a tendência historiográfica que trabalha com o paradigma das origens como um lugar, situado no tempo e no espaço, a ser determinado pela pesquisa histórica; 2. a tendência, mais atuante a partir do meio acadêmico, que coloca sob suspeita a própria questão das origens, com um lugar determinável, procurando analisar historicamente a dinâmica social e ideológica que os discursos de origem podem revelar.

Este trabalho teve como ponto de partida a tese de doutorado de Silvano Fernandes Baia: “A historiografia da música popular no Brasil (1971-1999)”, defendida na Universidade de São Paulo (USP) em 2010, sob a orientação de Marcos Napolitano. Baia se propôs em seu doutorado a realizar uma análise da produção acadêmica sobre música popular urbana no Brasil. Para isto, o autor realizou um levantamento e uma leitura crítica de teses e dissertações que foram produzidas sobre a temática da Música Popular nos Programas de Pós Graduação da área de História nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Baia usou como recorte temporal o período de 1971 a 1999, partindo das primeiras teses e dissertações sobre música popular até a consolidação do tema no campo científico. E como recorte espacial os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro por acreditar ser um painel representativo da produção acadêmica, pois até 1999 eram poucos e pontuais os trabalhos produzidos fora do eixo Rio-

1 Como exemplo deste aumento quantitativo temos os dados da pesquisa de Silvano Fernandes Baia e do levantamento realizado para este TCC: Baia encontrou 35 trabalhos que possuem a música popular como objeto de estudo em um período que vai de 1971 a 1999. Para este trabalho foi considerado o período que vai de 2000 a julho de 2014, um recorte menor, mas que apresentou 66 trabalhos que possuem a música popular como objeto de pesquisa.

São Paulo.

A partir da tese de Silvano Fernandes Baia, este trabalho se propõe a analisar a produção acadêmica sobre música popular do período posterior ao recorte abordado pelo autor. Para tanto selecionamos teses e dissertações que tenham a música popular como objeto de estudo. Devido a multiplicação de Programas de Pós Graduação em História que ocorreu nos últimos anos – principalmente fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo – utilizamos como critério de recorte o conceito que estes programas receberam na última avaliação trimestral da CAPES, que ocorreu em 2013. Foram selecionados os programas que foram avaliados com nota 7, 6 e 5.

Após selecionados os Programas de Pós Graduação em História, foi realizado um levantamento nos sites dos PPGs e das bibliotecas das universidades de todas as teses e dissertações que foram produzidas após o ano 2000 que tenham a música popular como objeto de estudo. Cabe destacar aqui que muitos sites de programas de pós graduação não estão atualizados ou não trazem a listagem de teses e dissertações do programa, assim a pesquisa teve que ser feita nos sites das bibliotecas. O levantamento inicial foi realizado a partir da leitura dos resumos, que indicaram quais trabalhos poderiam ser encaixados nas categorias de análise da produção historiográfica sobre música popular proposta por Baia em sua tese. Após verificar quais teses e dissertações que tinham potencial para não se enquadrar nas categorias de análise propostas por Baia, foi realizada a leitura completa destes trabalhos, para uma análise posterior, de como classificar estes trabalhos.

Nesse sentido, organizamos esse TCC em dois capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos as categorias construídas por Baia para explicar a produção acadêmica da área da história que utilizou a música popular como fonte e/ou objeto de pesquisa. Neste mesmo capítulo, apresentaremos o levantamento que fizemos das teses e dissertações produzidas em Programas de Pós-Graduação em História que utilizaram a música como fonte e/ou objeto de pesquisa no período posterior ao investigado por Baia. Propomos averiguar se as categorias propostas por Baia ainda dão conta de abarcar a produção posterior a da realização desta tese. No segundo capítulo, abordaremos a necessidade de construção de uma nova categoria para abarcar as teses e dissertações em história que focalizaram a música popular e se relacionaram à questão étnica. Para tanto selecionamos 3 dissertações que relacionam música popular e identidade étnica que extrapolam os limites das categorias propostas por Baia.

SILVANO FERNANDES BAIA E A MÚSICA POPULAR COMO FONTE E OBJETO DA HISTÓRIA

No contexto mais recente houve uma ampliação dos campos e canteiros da história, bem como das possibilidades de fonte para serem utilizadas, pois os interesses dos historiadores, segundo Maria de Lourdes Janotti, variam no tempo e no espaço². Assim, as fontes textuais se diversificaram em relação a segunda metade do século XIX, período em que a história se afirma como disciplina acadêmica, bem como abriu-se espaço para o historiador trabalhar com fontes não textuais – fontes com outro tipo de suporte – ao longo do século XX. As imagens, por exemplo, deixariam de ser apenas objetos temáticos para os historiadores que já se interessavam pela História da Arte, e passaram a ser também fontes para historiadores interessados em chegar todo o tipo de questões sociais, econômicas e políticas através das fontes iconográficas. A História Oral, também nos anos 1980, conquista o seu lugar no campo da historiografia. A música popular como fonte é fruto deste terreno de novas possibilidades.

Ainda que não exista uma definição para o termo música popular, para esta pesquisa utilizamos a mesma noção que Silvano Fernandes Baia: “entende-se como música popular a música urbana surgida a partir do final do século XIX, instrumental ou cantada, mediatizada, massiva e moderna”³. Esta se constitui como um importante documento historiográfico por estar presente nos principais processos sociais da história recente, como forma de lazer e entretenimento, ligada à dança e ao convívio social, mas também como veículo de luta ideológica e de mudanças comportamentais.

Em sua tese de doutorado, Baia selecionou como fonte de pesquisa 35 teses e dissertações sobre a temática da música popular. Estes trabalhos foram coletado em programas de pós graduação dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, recorte espacial escolhido pelo autor devido a concentração de Universidades nestes estados que possuíam PPGs de História. Estas teses e dissertações foram escritas entre 1971 e 1999, este recorte temporal parte do primeiro trabalho acadêmico que tem a música popular como objeto de estudo e tem como limite o período que o autor considera que o tema já está consolidado na academia.

A seleção realizada por Baia teve como foco 4 aspectos: 1) Análise dos objetos,

2 JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro *Fosntes Históricas* como fonte. IN: PINSKI, Carla Bassanezi (ORG.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto. 2008.

3 BAIA, Silvano Fernandes. *A Historiografia da música popular no Brasil (1971-1999)*. São Paulo :USP. Tese (doutorado em História). Universidade de São Paulo. 2010. p.8

argumentação e conclusão; 2) Conceitos e teoria; 3) Documentação; 4) Metodologia. Destaco aqui o primeiro foco, pois é a partir dele que o autor define um panorama geral das principais abordagens e linhas de pesquisa, montando um mapa da produção na área de História. Neste “mapa da produção”, Baia propõe 7 categorias para a analisar as teses e dissertações, que podem ser enquadradas em mais de uma categoria. Segundo o autor, estas parecem ser as principais linhas temáticas de pesquisa.

1. *A pesquisa sobre as “origens”*: Estas “origens” estariam entre o final do século XIX e o início do século XX, o momento criativo da música popular. Encaixam-se aqui os trabalhos sobre o momento de formação e consolidação dos primeiros gêneros de música popular urbana no Brasil, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro e na cidade de São Paulo.

2. *Historiografia do samba*: estudos sobre o gênero que já havia sido elevado à condição de música nacional por toda uma corrente de memorialistas, jornalistas, colecionadores e pesquisadores. São pesquisas que partem de um conhecimento acumulado, pois já é tema de estudo desde a década de 1930. Os trabalhos sobre a relação da música popular com o governo Vargas e sobre o tema da malandragem também se encaixam nesta categoria.

3. *Música e política*: estudos sobre as relações entre música popular e política. São objetos privilegiados: a relação do samba com o primeiro governo de Getúlio Vargas, e o período de 1968 a 1978 – da radicalização da censura da ditadura militar ao fim da censura.

4. *Historiografia dos movimentos e gêneros musicais*: agrupamento de pesquisas que construíram seus objetos em torno de gêneros específicos de música popular, com foco nas questões culturais e comportamentais, destacando o surgimento da juventude como ator social. Aqui temos estudos sobre surgimento da Bossa Nova, Jovem Guarda e surgimento do rock nacional. Cabe destacar que aqui entende-se por *movimento* uma certa corrente estética ou de pensamento que caracteriza um conjunto de autores, geralmente sem muita organicidade e com uma duração temporal delimitada.

5. *Historiografia e trajetórias individuais*: esta categoria aglutina pesquisas que tem o seu objeto construído em torno da obra de compositores ou intérpretes, adquirindo assim um certo caráter biográfico. São pesquisas que articulam a vida de personagens marcantes da música popular às leituras histórico-sociológicas.

6. *História, música e circuitos de produção e consumo*: encaixam-se aqui estudos sobre o período intermediário entre o Samba e a Bossa-Nova, que durante algum tempo caíram no es-

quecimento. São principalmente trabalhos sobre a “Era de Ouro” do rádio.

7. *Historiografia, linguagem e temas poéticos*: enquadram-se nesta categoria trabalhos sobre autores e intérpretes que se valeram do crescimento do rádio, bem como da indústria fonográfica para divulgar as letras de suas canções.

Para realizar o levantamento da produção acadêmica sobre música popular nas primeiras décadas do século XXI, levamos em consideração que neste momento já se consolidaram Programas de Pós Graduação em História fora do eixo Rio-São Paulo. Assim, utilizamos como critério de seleção a classificação destes programas pela Capes (Comissão de Aperfeiçoamento do Ensino Superior). A cada 3 anos, a Capes avalia a qualidade dos programas de pós-graduação e atribui a eles uma nota, dentro de uma escala que vai de 3 a 7.

Escolhemos realizar a nossa busca nos programas que no ano de 2013 receberam notas 7, 6 e 5 na avaliação da Capes – Universidade Federal Fluminense, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, Universidade do Rio dos Sinos, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal do Paraná, Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade Estadual Paulista - campus Assis e Campus Franca.

Após delimitado os programas que seriam investigados, adotamos os mesmos critérios da pesquisa de Baia para a seleção de teses e dissertações. São trabalhos acadêmicos que:

- 1) tenham a música popular, dentro da concepção já apresentada, como objeto principal;
- 2) Utilizam a música popular como fonte primordial de pesquisas que visam o estudo de outros objetos;
- 3) Pesquisas que tratam do campo musical de forma mais ampla, nas quais a música popular tenha presença relevante;
- 4) Pesquisas sobre produção, reprodução e consumo musical.⁴

Utilizando os mesmos critérios que Silvano Fernandes Baia para a selecionar os trabalhos acadêmicos, chegamos a 66 teses e dissertações sobre música popular produzidas entre os anos 2000 e 2014, em Programas de Pós Graduação em História que receberam nota 7, 6 e 5 na avaliação da Capes em 2013. Cabe ressaltar que parte dos programas de pós

4 Idem p.13

graduação que foram analisados são recentes e ainda não possuem produções sobre o tema, como é o caso da Universidade Federal de Goiás. A lista completa de teses e dissertações que foram levantadas encontra-se anexada nas referências deste trabalho.

É um crescimento exponencial de trabalhos que utilizam a música popular como objeto de estudo se comparado ao período de 1971 a 1999. Mas grande parte destes trabalhos ainda estão concentrados no eixo Rio de Janeiro – São Paulo: 42 das 66 teses e dissertações que foram levantadas; sendo que destas 42, vinte foram produzidas em uma única universidade, a Universidade Federal Fluminense. Mesmo utilizando as notas da Capes como critério para expandir o recorte espacial do levantamento de teses e dissertações, é possível perceber que os outros estados ainda estão caminhando a passos pequenos em relação à utilização desta nova possibilidade de fonte de pesquisa.

Universidade	Produção
UFF	20
UFRGS	8
UNICAMP	7
UFRJ	7
USP	6
UFMG	6
PUCRS	4
UFPR	3
UFSC	3
UNESP-Assis	2

Dentre essas 66 produções, através da leitura dos resumos, foi possível verificar que muitas podem ser agrupadas nas categorias do “mapa da produção” proposto por Baia em 2010. Mas alguns trabalhos apresentam uma inovações temáticas em relação às categorias que foram propostas por Baia. São trabalhos sobre temáticas que ainda não haviam sido discutidas no conjunto de obras de 1971 a 1999. Uma destas temáticas novas é a da identidade étnica negra, que aparece em 3 trabalhos do levantamento realizado .

MÚSICA E IDENTIDADE NEGRA: UMA NOVA CATEGORIA?

A leitura dos resumos das teses e dissertações – levantadas nos Programas de Pós Graduação em História avaliados pela Capes com conceitos 5, 6 e 7 – produzidas desde o ano 2000 e que abordaram a música popular levou-nos a averiguação de que muitas delas se enquadram nas mesmas categorias propostas por Baia. Trazemos como exemplo o trabalho de Mônica Neves Leme: E saíram à luz as novas coleções de polcas, modinhas, lundus, etc. - Música popular e impressão musical no Rio de Janeiro (1820-1920) que se enquadra na primeira categoria de Baia – a pesquisa sobre as origens e trabalho de Maurício de Lima Oliveira: Patápio Silva, O Sopro da Arte – Trajetória de um flautista mulato no início do século XX que enquadra-se na categoria de análise Historiografia e trajetória individuais.

Contudo, averiguou-se que houve um crescente número de teses e dissertações em História que relacionaram música popular e etnicidade negra que seriam de difícil enquadramento nas categorias propostas por Baia.

Os trabalhos produzidos até 1999 focavam na construção da identidade nacional, e por isso foram aglutinados na categoria “Historiografia do Samba”, visto que o gênero foi elevado à condição de música nacional muito antes de se iniciarem os assuntos acadêmicos sobre música popular. É provável que o fortalecimento do movimento negro ocorrido no final do século XX, após o esvaziamento que este teve ao longo da Ditadura, tenha influenciado o interesse de pesquisas históricas sobre a área, que dêem respostas em relação à presença, visibilidade e práticas sociais sobre esse grupo étnico. Petrônio Rodrigues elaborou uma linha de tempo, dividida em períodos para analisar a organização do movimento negro no Brasil, e sua linha de tempo não contempla o período que vai de 1964 a 1978 pois há uma desarticulação das forças políticas e da própria organização do movimento após o Golpe de 1964. A repressão desmobilizou as lideranças e colocou muitos envolvidos na semi-clandestinidade, já que a discussão pública sobre a questão racial foi banida pelos militares.

Entende-se aqui como movimento negro a definição construída por Petrônio Rodrigues, ao analisar a história deste movimento ao longo do Brasil republicano: é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Ou seja, o movimento político de mobilização racial, mesmo que este movimento assumia em muitos momentos uma face

fundamentalmente cultural.⁵

O Movimento Negro Unificado (MNU) criado em 1978 defende como reivindicações mínimas: desmistificação da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação do Movimento Negro em movimento de massas; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, bem como a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país.⁶

São resultados do fortalecimento político dos movimentos negros a troca de datas comemorativas – o dia 13 de maio, antes comemorado como Abolição passou a ser o Dia Nacional da Denúncia contra o Racismo, enquanto a possível data de morte de Zumbi dos Palmares passou a ser o Dia Nacional da Consciência Negra. A conquista da política de Ações Afirmativas e a aprovação da Lei Federal 10.639, que inclui nos estudos históricos da Educação Básica o Ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira, como já se discutia em 1982.

Verificou-se que é viável a proposição de uma nova temática, pois existe material para analisar em que medida as teses e dissertações na área de história que focam na relação entre música e identidade negra do período posterior aos anos 2000 se enquadram em certa medida ou não nas categorias propostas por Baia. Temos como material para esta nova categoria 3 dissertações de mestrado produzidas após o ano 2000.

Dentre as leituras realizadas, o primeiro trabalho que despertou a necessidade de uma nova categoria foi a dissertação da Gabriela Cordeiro Buscácio “A chama não se apagou: Candeia e a Gran Quilombo – Movimentos Negros e Escolas de Samba nos anos 70”. Gabriela dedica-se a pesquisar o Movimento Negro, a Indústria Cultural e o Samba. O segundo trabalho que se enquadra em uma nova categoria é a dissertação Leandro Manhães Silveira “Na trilha de sambistas e do “povo santo” memórias, cultura e territórios negros no Rio de Janeiro (1905-1950)”. Leandro é pesquisador do Centro de Memória da Universidade Federal Fluminense, onde atua em diversas linhas de pesquisa: História Social do Carnaval Fluminense; História, Memória e Educação; História e Patrimônio Material e Imaterial; Impérios e Imperialismos; e Portos e Cidades, além de professor de cursinhos pré-vestibulares gratuitos voltados para a população de baixa renda. Suas pesquisas sobre o samba e o candomblé iniciaram no período em que foi estagiário do IPHAN. O terceiro trabalho é a

5 DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: Alguns apontamentos históricos.

6 Idem. p.15. Programa de Ação do MNU de 1982.

dissertação de Alexandre ““Eu Quero Ver Quando Zumbi Chegar” Negritude, política e relações raciais na obra de Jorge Ben (1963-1976)”. Alexandre é atualmente professor da rede pública estadual do Rio de Janeiro, e tem como linhas de pesquisas Música Popular e Identidade Negra, sendo que a maior parte da sua produção é sobre a relação entre as duas linhas de pesquisa na obra de Jorge Ben.

A dissertação da Gabriela Cordeiro Buscácio “A chama não se apagou: Candeia e a Gran Quilombo – Movimentos Negros e Escolas de Samba nos anos 70” foi apresentada na Universidade Federal Fluminense em 2005. Candeia – Antônio Candeia Filho (1935 – 1978) – era considerado um sambista de “morro”, que se enquadrava em um novo gênero musical que surgiu na década de 1970, o “sambão”. Segundo Marcos Napolitano *o "sambão" era "um estilo de samba melodioso, com letras picantes ou românticas, de ritmo cadenciado, mas sem os timbres 'sujos' ou em estado bruto que caracterizavam os sambas 'de morro'. No geral, o 'sambão' era produto de um trabalho de 'filragem' realizado em estúdio*⁷. Mas o repertório cultural de Candeia não estava restrito somente ao seu papel de compositor/cantor. Ele foi também um importante agente social na construção do movimento negro durante a década de 70. Foi um homem que nasceu na classe trabalhadora carioca, mas que teve acesso a uma bibliografia clássica do pensamento e da literatura e que participou dos debates mais modernos da sua época sobre as questões raciais.⁸

Gabriela situa o período de sua pesquisa nos anos 70, período que define como:

“Anos 70. Brasil. Ditadura militar. Censura. Consolidação da indústria cultural. Milagre econômico. Crise do milagre econômico. Modernização conservadora. Arrocho salarial. Abertura. Movimentos Negros. Anistia. Novos movimentos sociais. Greves.”⁹

É a partir desta definição que a autora fez o seu recorte temático, optando pelos temas que mais incindiram sobre a vida e obra de Candeia, pois é neste contexto de organização do movimento negro e de surgimento de novos movimentos sociais organizados que surge a Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo - Gran Quilombo, escola de

7 NAPOLITANO, Marcos. Seguindo a canção – engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). p. 339/340.

8 No livro que escreveu sobre a história da Portela, Candeia utiliza como referencial a obra de Antônio Callado por exemplo. CANDEIA&ISNARD, Escola de Samba, árvore que esqueceu a raiz, Rio de Janeiro: Editora Lidador/SEEC-RJ, 1978.

9 BUSCÁCIO, Gabriela Cordeiro. “A chama não se apagou”: Candeia e a Gran Quilombo – Movimentos negros e escolas de samba nos anos 70. Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2005. p.15

samba imaginada e fundada por Candeia. Antes da criação da Quilombo, Candeia fazia parte da escola de samba do bairro em que nasceu - a Portela, onde começou a desfilar com 12 anos de idade e aos 17 anos com o samba-enredo “Seis Datas Magnas” foi o vencedor do carnaval de 1953.

A ideia de Candeia ao fundar a Quilombo, era criar uma escola de samba diferente das demais escolas, que resgatasse elementos da cultura negra - promovendo um desfile diferenciado em relação às escolas de samba cariocas já consagradas. A escola não seria apenas uma escola de samba, mas um centro de referência para a questão do negro. O manifesto escrito para a fundação da Gran Quilombo por João Batista Vargens¹⁰ evocava o carnaval espontâneo, ligado às origens afro-brasileiras, e dizendo não aos novos profissionais do Carnaval. “É importante esclarecer que no início da década de 60 o carnaval carioca sofreu transformações com a entrada de artistas plásticos, figurinistas, coreógrafos, departamentos culturais.”¹¹

Para os fundadores da Gran – Quilombo este era um momento de embranquecimento do samba. Os sambistas tradicionais perderem espaço nas tomadas de decisões para as novas diretorias, geralmente formadas por “bicheiros” que passaram a fazer grandes investimentos financeiros nas agremiações. A escola pôs em discussão não só o problema da invasão da classe média às escolas de samba como também o papel marginal do negro na sociedade. Não criticava apenas o embranquecimento do Carnaval do Rio de Janeiro, mas também fazia a crítica ao mito da democracia racial e questionava o papel do negro na pirâmide social, ou seja, uma crítica à Abolição que não deu espaço para a afirmação do negro na sociedade brasileira. Estes eram questionamentos presentes nos movimentos que se organizaram na década de 1970. “O surgimento da Quilombo foi fruto da conjuntura de ditadura militar, mas no momento em que a militância pelos direitos dos negros começava a se reestruturar”.¹²

Foi mais uma das organizações de contestação negra da década de 1970, que buscava, a sua auto-afirmação cultural e a luta racial. A escola trazia o discurso de resgate da arte negra, das origens do samba. Para os idealizadores da Quilombo, a identidade negra era afro-brasileira: vinculada a um passado ligado à escravidão e à formação de uma cultura brasileira. Era uma proposta de buscar uma identidade negra através do lado cultural, bem

10 Vargens era amigo de Candeia e escreveu a biografia do autor, onde está a transcrição do manifesto de criação da Quilombo. VARGENS, João Baptista M., Candeia – Luz da Inspiração, Rio de Janeiro, Funarte, Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular, 1987

11 BUSCÁCIO, Gabriela Cordeiro. “A chama não se apagou”: Candeia e a Gran Quilombo – Movimentos negros e escolas de samba nos anos 70. Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2005. p.18

12 Idem. p.23

como uma ação política. A escola optou por ter como enredo sempre sambas com temáticas raciais como forma de resgate cultural.

A dissertação - que utiliza a obra musical de Candeia como documento histórico - até poderia ser classificada na categoria “Historiografia e trajetória individuais”, que é uma das categorias propostas na tese de doutorado de Baia, já que um dos capítulos é dedicado a uma breve biografia do compositor e análise das letras e principais temáticas das suas composições. Porém o foco do trabalho não é apenas a obra do compositor, mas sim a importância da sua atuação em um período de reconstrução do movimento negro e de resgate da Cultura Negra. E estas temáticas passam despercebidas na tese de Baia.

A dissertação de Leandro Manhães Silveira “Na trilha de sambistas e do “povo santo” memórias, cultura e territórios negros no Rio de Janeiro (1905-1950)” foi apresentada na Universidade Federal Fluminense em 2012 e tem como ponto de partida a criação e manutenção de terreiros, sambas e batuques na cidade do Rio de Janeiro entre 1905 e 1950, como forma de resistência cultural dos negro pós abolição. O objetivo de Leandro foi explorar e mapear a partir de narrativas de memórias, os compartilhamentos entre terreiros religiosos, sambistas e escolas de samba para desconstruir a memória cristalizada: “ de que as práticas religiosas negras no Rio de Janeiro, da passagem do século XIX para o XX, eram aquelas dos negros baianos migrantes exercidas sobretudo nas casas das “tias” localizadas na chamada “Pequena “África”, onde se faziam os batuques nos quais o samba foi embalado”¹³.

O samba foi explorado na pesquisa a partir de depoimentos de sambistas para o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. A primeira leva de depoimentos sobre o samba é de João da Baiana (sambista negro, pertencente a uma comunidade de terreiro, considerado um pioneiro na arte do samba) Pixinguinha e Donga (netos de africanos que roram criados nas casas das tias baianas), que foram transcritos e viraram livro que tinha como objetivo incentivar o interesse por uma música popular brasileira autêntica. “A “autêntica” música neste caso claramente negra, é considerada como aquela que não teria perdido seus referenciais tradicionais ao misturar-se com outras formas, ritmos e harmonias”¹⁴.

Estes depoimentos para o MIS também trazem a lógica da “Pequena África” cristalizada na nossa cultura. O desafio de Leandro foi utilizar estes depoimentos sem

13 SILVEIRA, Leandro Manhães. Na trilha de sambistas e do “povo santo” memórias, cultura e territórios negros no Rio de Janeiro (1905-1950). Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2012 p.57

14 Idem p. 43

reproduzir esta lógica, e cruzar com os depoimentos de religiosos afro-brasileiro dados para o IPHAN com o intuito de patrimonializar o Candomblé, afim de propor um novo mapa da localização dos sambas e terreiros no Rio de Janeiro. Cabe destacar que o terreiro não era apenas um espaço de culto, pois unia o profano e o sagrado, além de ser espaço de residência. “O terreiro de Ciata foi um, entre outros importantes terreiros da região central do Rio de Janeiro que além dos cultos aos orixás, promovia festas, sambas e bailes (...)”.¹⁵ Os sambas criados no alto dos morros se tornavam conhecidos nas rodas desta casa. Os sambistas participavam tanto das rodas quanto dos rituais. Estes rituais começam a se expandir para as periferias, pois alguns terreiros precisavam de espaço para plantar ervas medicinais, e levam o samba nesta expansão territorial. A expansão deu-se para o subúrbio e para a Baixada Fluminense, indicando que além da busca por um espaço mais amplo havia a dificuldade financeira em lidar com casas alugadas e a perseguição policial as práticas do Candomblé .

Foram essas “tias” que saíram do centro do Rio de Janeiro em direção às periferias “que fundaram alguns blocos, ranchos e cordões”.¹⁶ Os ranchos das “tias” eram locais em que religiosidade, batuques e sambas se combinavam. Nos morros essas práticas se mesclaram a outras festividades dando origens a sambas, blocos e escolas de samba. “Madureira se constituiu como uma das opções possíveis para moradia de parcelas da população negra na cidade, onde puderam recriar algumas práticas sócio-religiosas de matriz afro-brasileira, entre elas o Omolocô, blocos carnavalescos e anos mais tarde as primeiras agremiações carnavalescas”¹⁷.

Os blocos e cordões começaram a ganhar destaque no Carnaval do Rio de Janeiro por volta de 1910. Os blocos era importantes pontos de religiosidade e de sociabilidade, e nas suas reuniões ocorriam muitos comes e bebes, festas e cultos aos orixás. As roupas e os instrumentos utilizados eram os mesmos dos cultos afro-religiosos. Para Leandro insto é mais do que resistência cultural, é uma forma de expandir a fé e a cultura, levando estes elementos dos terreiros para as ruas. Muitos adeptos dos antigos cordões e blocos elaboraram as primeiras escolas de samba através da reelaboração de algumas práticas culturais e formas de organização. As batidas da bateria de uma escola de samba tocam para um determinado Orixá, bem como cada escola tem a proteção de um padroeiro - um santo católico sincretizado com um determinado Orixá.

Ao longo de todo o seu trabalho, Leandro destaca a ligação entre o samba e a religião,

15 Idem p. 67

16 Idem p. 96

17 Idem p.103

trazendo como exemplo o primeiro concurso de samba, que reuniu sambistas e macumbeiros e foi organizado pelo pai-de-santo do morro da Mangueira e do Engenho de Dentro, José Espinguela. E a ligação entre os terreiros e a fundação das primeiras escolas de samba do Carnaval do Rio de Janeiro, como a Mangueira, a Portela, a Deixa Falar, o Salgueiro... Estes terreiro não eram isolados, havia uma grande troca de religiosos e de sambistas entre eles.

No último capítulo da dissertação Leandro ainda destaca outras formas de expressão da identidade cultural afro-brasileira que estão de certa forma ligadas ao samba e aos terreiros: a Festa dos Cachorros (um banquete para os cachorros da comunidade para pagar promessas), os Gurufins (velórios de matriz africana que mais parecem festas, que unem comilança, choro e bebedeira) e as Rodas de Jongo (rodas de percussão e dança que também comporta aspectos religiosos). As Rodas de Jongo eram mais restritas ao ambiente familiar e a iniciados, mas também influenciaram a criação de Grêmios Recreativos.

Pensando nos critérios de Baia para a seleção de trabalhos acadêmicos, esta dissertação trata do campo musical – neste caso o samba – de uma maneira mais ampla, relacionando-a com a cultura afro-brasileira. O trabalho até poderia ser enquadrado na categoria “Historiografia do Samba” proposta por Baia, mas o tema central é a relação do samba com os terreiros de Candomblé, e não a origem do samba nos terreiros. A afirmação de uma cultura negra no período pós abolição, que perpassa no tempo e existe até hoje.

A dissertação de mestrado de Alexandre Reis ““Eu Quero Ver Quando Zumbi Chegar” Negritude, política e relações raciais na obra de Jorge Ben (1963-1976)” é a mais recente dentre os trabalhos analisados – foi apresentada na Universidade Federal Fluminense neste ano. O objetivo de Alexandre foi analisar a obra e a trajetória de Jorge Duílio de Lima Meneses – Jorge Ben – problematizando as relações raciais da sociedade brasileira. Jorge Ben é oriundo das classes populares, mas por um breve período teve acesso à universidade; sua carreira teve altos e baixos, e mesmo após fazer sucesso ainda não tinha garantido uma relativa estabilidade econômica.

A dissertação tem um recorte temático-temporal muito próximo ao trabalho da Gabriela Buscácio – a década de 70, a ditadura, os movimentos sociais e o movimento negro. Mas dentro do contexto de ditadura Jorge Ben não foi visto ou retratado como um artista resistente, embora suas canções sejam dotadas de um discurso crítico específico: a luta pela igualdade racial. Sua relação com o regime é considerada ambígua pelo autor, pois faz ao mesmo tempo uma denúncia das desigualdades raciais sem romper com a ideia de democracia

racial. Alexandre utiliza o conceito de “zona cinzenta” criado por Pierre Laborie para se referir à situação de Jorge Ben em relação ao regime militar.¹⁸ “A questão é que tal qual muitos artistas vistos como “resistentes”, Jorge também teve canções censuradas. Ao mesmo tempo em que igualmente aos artistas vistos como “adesistas” também lançou composições que estavam em consonância com o ideário do regime”¹⁹.

As canções de Jorge Ben que tratam da desigualdade racial, na época não foram encaradas como “canções de protesto”, pois se enquadravam nesta delimitação apenas canções contra o regime e contra a censura. Já no seu primeiro álbum “Samba Esquema Novo”, Jorge Ben traz referências à ancestralidade africana e às tradições afro-brasileiras, características que o autor considera como o texto negro do compositor.

“O texto negro pode ser definido como um discurso que defende a igualdade racial, evoca com orgulho uma imagem grandiosa do continente africano, como a terra de seus ancestrais, valoriza as tradições afro-brasileiras, incluindo a religiosidade popular e o culto aos orixás, e chama atenção para a beleza dos sujeitos negros, questionando os padrões estéticos vigentes”.²⁰

Essas referências à matriz africana é uma escolha pessoal, mas também uma referência familiar, visto que a mãe do compositor nasceu na Etiópia. Seu pai era compositor e folião de blocos de carnaval, além de frequentador do Salgueiro. O músico também afirma a sua negritude através do seu estilo – o samba. O texto negro aparece inclusive no período em que seu trabalho estava mais ligado à Jovem Guarda.

Como para os militares não havia racismo no Brasil, os músicos que denunciavam o racismo ou faziam alusão ao movimento Black Power de maneira muito aberta foram mais perseguidos. Para se afastar de polêmica, Jorge Ben construiu uma imagem alegre, positiva e festiva. Buscou denunciar as desigualdades raciais através de canções e performances bem suaves, que não agrediam nem chocavam os padrões da sociedade. As canções do compositor também exaltam a beleza dos negros e negras, mas se distanciando do esteriótipo hipersexualizado da mulher negra, presente no imaginário da sociedade brasileira no período.

18 “Zona cinzenta é o aparato conceitual que o pensador francês Pierre Laborie utiliza para pensar a França durante a ocupação nazista. Se distanciando de maniqueísmos que busquem heróis ou traidores, Laborie defende o “pensar-duplo” que busca dar conta das nuances, contradições e ambivalências entre a resistência e a cooptação. Desta forma, é possível dizer que embora grande parte da sociedade brasileira nunca tenha se oposto ao regime, também não é possível dizer que esta parcela o tenha apoiado diretamente. É possível classificar Jorge Ben dentro desta grade teórica da zona cinzenta criada por Pierre Laborie.” REIS, 2014. p.25.

19 Idem p. 25

20 Idem p. 41

“ (...)pra entender a boa aceitação que Jorge Ben teve pela mídia e pelo público. Jorge não cantava “Black is Beautiful”, em inglês, ele cantava Negro é lindo (1971), em português. Na letra da canção, faz referência a coisas muito brasileiras, como ao Preto Velho, uma entidade da umbanda, religião que surgiu no Brasil e que rearticula preceitos indígenas, europeus e africanos. Alude assim à visão predominante da formação do Brasil como a nação que nasceu deste “encontro” das Três Raças. Ben, portanto, não rompia com imaginário nacional, encontrava talvez um lugar mais belo para o negro na fábula das três raças”.²¹

Em suas canções Jorge também utilizava dialetos africanos, mas sem causar espanto, pois estava articulado à mitologia das 3 raças. É como grande devoto de São Jorge que Jorge Ben faz referência à religiosidade africana em suas canções. Associa o santo católico à Ogum – Orixá africano – além de fazer referências ao candomblé e à umbanda.

O trabalho de Alexandre traz a biografia de Jorge Ben, e até poderia se enquadrar na categoria “Historiografia e Trajetórias Individuais” proposta por Silvano Fernandes Baia. Assim como também poderia se enquadrar na categoria “Música e Política” já que o recorte temporal é a produção musical do compositor no período em que o Brasil passava pelo regime militar, mas a música de Jorge Ben não era uma música de protesto – considerando o que era música de protesto no período. O foco principal é o engajamento étnico das músicas de Jorge Ben, canções estas que servem como ponto de partida para a situação do movimento negro nos Estados Unidos e no Brasil.

21 Idem p.98

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os campos e as fontes para os estudos de História se ampliaram ao longo do século XX, e cada vez mais a música popular é fonte e/ou objeto de interesse de trabalhos acadêmicos na área de História, em diversos Programas de Pós Graduação. A música popular se consolidou como importante documento historiográfico pois está presente nos principais processos sociais da história recente, levando a um crescimento quantitativo exponencial de trabalhos acadêmicos que utilizam esta fonte. Mas esta produção acadêmica ainda está concentrada nas universidades do eixo Rio – São Paulo, estados que foram escolhidos no recorte de Silvano Fernandes Baia por serem mais representativos na visão do autor e que mesmo expandindo o recorte espacial para o critério de notas da Capes estão melhores representados pois possuem mais Programas de Pós Graduação com notas 7, 6 e 5.

Foi possível verificar neste levantamento que as teses e dissertações que utilizam a música popular como fonte possuem temas e abordagens cada vez mais diversificadas, que extrapolam as sete categorias de análise que foram propostas por Silvano Fernandes Baia em sua tese de doutorado de 2010, ao analisar um conjunto de 35 produções do período de 1971 a 1999. O “mapa analítico” de Baia já não é suficiente para abarcar os trabalhos produzidos após o ano 2000.

Os trabalhos produzidos após o ano 2000 sobre a relação entre música popular e identidade étnica negra foram influenciados pelo fortalecimento do Movimento Negro, após a sua reorganização na década de 1970. Embora as dissertações da Gabriela Buscácio, do Alexandre dos Santos e do Leandro Silveira possam ser em parte enquadradas em categorias dentro do mapa de produção proposto por Baia, estas dissertações extrapolam os limites das categorias e necessitam de uma nova categoria de classificação, que atenda a esta nova e crescente demanda. O foco da dissertação da Gabriela não está no Cadeia, assim como o foco da dissertação do Alexandre não está no Jorge Ben, mas sim na articulação destes músicos na década de 1970, período de reorganização do Movimento Negro. E o trabalho de Leandro não tem como objetivo fazer uma historiografia do samba, mas sim explicitar a relação entre a música e as religiões de matrizes africanas.

Essa pesquisa tem várias limitações, entre as quais destaco o fato de que a seleção de teses e dissertações foi realizada em programas conceito 5, 6 e 7 de programas de pós graduação em história. É provável que se tivesse sido feita a busca em outros PPGs em história ou PPGs de áreas afins a da história, poderiam ser encontrar outras contribuições à

historiografia (nesse último caso, considerando que se pode chamar de historiografia também pesquisas de caráter histórico mas não realizadas em PPGs em História), mas deixamos essas possibilidades para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

- BAIA, Silvano Fernandes. A historiografia da música popular no Brasil (1971 – 1999). São Paulo: USP. Tese (doutorado em História). Universidade de São Paulo. 2010.
- BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: Olhares sobre um caminho percorrido e perspectivas sobre os novos tempos. Revista Albuquerque. Volume 3, número 1. 2010.
- BUSCÁCIO, Gabriela Cordeiro. A Chama não se Apagou: Candeia e a Gran Quilombo - Movimentos Negros e Escolas de samba nos anos 70. Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2005.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Revista Tempo. Março de 2007.
- DOMINGUES, Petrônio. GOMES, Flávio. Histórias dos quilombos e memórias dos quilombolas no Brasil: Revisitando um diálogo ausente na lei 10.639/031. Revista da Associação Brasileira dos Pesquisadores Negros. Volume 5. Número 11. Julho – Outubro 2013.
- NAPOLITANO, Marcos. WASSERMAN, Maria Clara. Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira. Revista Brasileira de História. Volume 20, número 39. São Paulo: 2000.
- NAPOLITANO, Marcos. Seguindo a canção – engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). São Paulo: Annablume/Ed. Fapesp, 2001
- PINSKI, Carla Bassanezi (ORG.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto. 2008.
- SANTOS, Alexandre Reis dos. “Eu quero ver quando Zumbi chegar”: Negritude, política e relações sociais na obra de Jorge Ben (1963-1976). Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2014.

SILVEIRA, Leandro Manhães. Nas trilhas de sambistas e “povo do santo”: memórias, cultura e territórios negros na cidade do Rio de Janeiro (1905-1950). Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2012.

VARGENS, João Baptista M.. Candeia – Luz da Inspiração. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular, 1987.

Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4494960H5>>

Acesso em: 3 de dezembro de 2014.

Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4485750T7>

Acesso em: 3 de dezembro de 2014.

Teses e Dissertações

UFF

- ALMEIDA, Paula Cresciulo de Almeida. Um samba de várias notas: Estado, imprensa e povo no Brasil (1932-1935). Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2013.
- BORGES, Mirelle Ferreira. Heitor Villa-Lobos, O Músico Educador. Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2009.
- BUSCÁCIO, Gabriela Cordeiro. A Chama não se Apagou: Candeia e a Gran Quilombo - Movimentos Negros e Escolas de samba nos anos 70. Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2005.
- COSTA, Tony Leão da. "Música de subúrbio": Cultura popular na hipermargem de Belém do Pará. Rio de Janeiro: UFF. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. 2013.
- DRACH, Henrique. A Rebeca de José Gerônimo: Luiz Heitor Corrêa de Azevedo – Música, Folclore e Academia na Primeira metade do século XX. Rio de Janeiro: UFF. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. 2011.
- FERREIRA, Gustavo Alves Alonso. Cowboys do Asfalto: Música sertaneja e modernização brasileira. Rio de Janeiro: UFF. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. 2011.
- FERREIRA, Gustavo Alves Alonso. "Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga". Wilson Simonal e os limites de uma memória tropical. Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2007.
- LAMARÃO, Luisa Quarti. A crista é a parte mais superficial da onda. Mediações culturais na MPB (1968-1982). Rio de Janeiro: UFF. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. 2012.
- LAMARÃO, Luisa Quarti. As muitas Histórias da MPB as ideias de José Ramos Tinhorão. Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2008.
- LEME, Mônica Neves. E saíram à luz as novas coleções de polvas, modinhas, lundus, etc. - Música popular e impressão musical no Rio de Janeiro (1820-1920). Rio de Janeiro: UFF. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. 2006.
- LOPES, Gustavo Gomes. Samba e Mercado de Bens Culturais (Rio de Janeiro, 1910-1940). Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2001.
- MARTINS, Luiza Mara Braga. Os Oito Batutas: Uma orquestra maior que a encomenda.

História e Música Brasileira nos anos 1920. Rio de Janeiro: UFF. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. 2009.

MONTEIRO, Bianca Miucha Cruz. Sinhô: A Poesia do Rei do Samba. Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2010.

OLIVEIRA, Adriana Mattos de. A Jovem Guarda e a Indústria Cultural: análise da relação entre o movimento Jovem Guarda, a indústria cultural e a recepção de seu público. Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2011.

PEREIRA, Avelino Romero Simões. Buenos Aires, História e Tango: Crise, Identidade e Intertextos nas Narrativas Tangueras. Rio de Janeiro: UFF. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. 2012.

PETROCCHI, Renato. Palavra e Música: A Ópera Lo Schiavo de Antônio Carlos Gomes. Rio de Janeiro: UFF. Tese (doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. 2005.

SANTOS, Alexandre Reis dos. “Eu quero ver quando Zumbi chegar”: Negritude, política e relações sociais na obra de Jorge Ben (1963-1976). Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2014.

SILVA, Carla de Medeiros. Música Popular e Disputa de Hegemonia: A música chilena inspirada nas formas folclóricas e o movimento da Nova Canção Chilena entre 1965-1970. Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2008.

SILVEIRA, Leandro Manhães. Nas trilhas de sambistas e “povo do santo”: memórias, cultura e territórios negros na cidade do Rio de Janeiro (1905-1950). Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2012.

VIEIRA, Juliana Lessa. O Samba e a Cultura da Classe Trabalhadora Carioca (1900-1930). Rio de Janeiro: UFF. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. 2012.

UFSC

MOTA, Rodrigo de Souza. Rock dos anos 1980, prefixo 48: Um crime perfeito? Florianópolis: UFSC. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

OLIVEIRA, Maurício de Lima. Patápio Silva, O Sopro da Arte – Trajetória de um flautista mulato no início do século XX. Florianópolis: UFSC. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

SOUZA, Fábio Francisco Feltrin de. Canções de Um Fim de Século: História, música e comportamento na década encontrada (1978-1991). Florianópolis: UFSC. Dissertação

(mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.

UFRJ

BRAGA, Luiz Otávio Rendeiro Correa. A invenção da música popular brasileira: de 1930 ao final do Estado Novo. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2002.

BRANCO, Celso. Grupos vocais cariocas: representações de nacionalismo e brasilidade no canto coletivo 1930-1958. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2012.

BUSCACIO, César Maio. Americanismo e nacionalismo musicais na correspondência de Curt Lange e Camargo Guarnieri (1934-1956). Rio de Janeiro: UFRJ. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2009.

GUIMARÃES, Valéria Lima. O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular (1945-1950). Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2001.

MARTINS, Luiza Mara Braga. Quem foi que inventou o Brasil? A invenção do Brasil pelos sambistas cariocas, 1917/1937. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2004.

MERHY, Silvio Augusto. Bossa Nova: a permanência do samba entre a preservação e a ruptura. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2001.

TABORDA, Marcia Ermelindo. Violão e identidade nacional: Rio de Janeiro 1830/1930. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2004.

USP

BAIA, Silvano Fernandes. A historiografia da música popular no Brasil (1971-1999). São Paulo: USP. Tese (doutorado em História). Universidade de São Paulo. 2010.

BESSA, Virgínia de Almeida. Um bocadinho de cada coisa: trajetória e obra de Pixinguinha. História e música popular no Brasil dos anos 20 e 30. São Paulo: USP. Dissertação (mestrado em História). Universidade de São Paulo. 2005.

BESSA, Virgínia de Almeida. A cena musical paulistana: teatro musicado e canção popular na cidade de São Paulo (1914-1934). São Paulo: USP. Tese (doutorado em História). Universidade de São Paulo. 2012.

GONZALES, Juliana Pérez. Da música folclórica à música mecânica. Uma história do conceito de *música popular* por intermédio de Mário de Andrade (1893-1945). São

Paulo: USP. Dissertação (mestrado em História). Universidade de São Paulo. 2012.

LIMA, Giuliana Souza de. Almirante, "a mais alta patente do rádio", e a construção da história da música popular brasileira (1938-1958). São Paulo: USP. Dissertação (mestrado em História). Universidade de São Paulo. 2012.

PINTO, Theophilo Augusto. Gente que brilha quando os maestros se encontram: música e músicos da 'Era do Ouro' do rádio brasileiro (1945-1957). São Paulo: USP. Tese (doutorado em História). Universidade de São Paulo. 2012.

PUCRS

BATISTA, Juliana Wendpap. O Universo de Clara Crocodilo: História & Música no LP de Arrigo Bernapé. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação (mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2013.

GABRIEL, Glória Cristina Ferreira. A recepção das músicas de Chico Buarque na ditadura militar: o universo feminino não cala, fala!. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação (mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2005

SOUZA, Márcio de. Mágoas do violão : mediações culturais na música de Octávio Dutra (Porto Alegre, 1900-1935). Porto Alegre: PUCRS. Tese (doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2010.

SOUZA, Marilene Nascimento de. Longe demais das Capitais Musicpuc: um (Novo) movimento musical em Porto Alegre na década de 1970. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação (mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2006.

UFMG

ASSIS, Ana Claudia de. Os doze sons e a cor nacional: conciliações estéticas e culturais na produção musical de César Guerra-Peixe (1944 – 1954). Belo Horizonte: UFMG. Tese (doutorado em História). Universidade federal de Minas Gerais. 2006.

GARCIA, Luiz Henrique Assis. Na esquina do mundo: trocas culturais na música popular

brasileira através da obra do Clube da Esquina (1960-1980). Belo Horizonte: UFMG. Tese (doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

JR ARCANJO, Loque. O ritmo da mistura e o compasso da história: o modernismo musical nas Bachianas brasileiras de Heitor Villa-Lobos. Belo Horizonte: UFMG. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

JR ARCANJO, Loque. Os sons de uma nação imaginada: as identidades musicais de Heitor Villa-Lobos. Belo Horizonte: UFMG. Tese (doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. 2013.

MARTINS, Bruno Viveiro. Som imaginário: amizade, viagens e cidades nas canções do Clube da Esquina. Belo Horizonte: UFMG. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

REZENDE, Clarissa Teixeira Fazito. Folhas volantes: impressos revolucionários na canção popular brasileira. Belo Horizonte: UFMG. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.

UFPR

EKG, André de Castro. O Debate no campo do nacionalismo musical no Brasil (Anos 40 e 50): o compositor Guerra Peixe. Curitiba: UFPR. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. 2004.

POLETTI, Fábio Guilherme. Tom Jobim e a modernidade musical brasileira (1953-1958). Curitiba: UFPR. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. 2004.

SCOVILLE, Eduardo Henrique Martins Lopez de. Na barriga da baleia: a Rede Globo de televisão e a música popular brasileira na primeira metade da década de 1970. Curitiba: UFPR. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. 2008.

UFRGS

AGUIAR, José Fabiano Gregory Cardozo. “Yo vengo a cantar por aquellos que cayeron”: poesia política, engajamento e resistência na música popular uruguaia – o cancionero de Daniel Viglietti (1967-1973). Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. A identidade antifascista no cancionero da Guerra Civil Espanhola. Porto Alegre: UFRGS. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2004.

JR COUGO, Francisco Alcides. “Canta meu povo”: uma interpretação histórica sobre a produção musical de Teixeira (1959-1985). Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.

KERBER, Alessander Mário. Representações das identidades nacionais Argentina e brasileira nas canções interpretadas por Carlos Gardel e Carmen Miranda (1917-1940). Porto Alegre: UFRGS. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Uma Leitura Histórica da Produção Musical de Lupicínio Rodrigues. Porto Alegre: UFRGS. Tese (doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2002.

ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. Quando Vargas caiu no samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

SIMÕES, Sílvia Sônia. Como que ha sido valiente siempre será canción nueva: o cancionero de Vitor Jara e o Golpe Civil Militar no Chile. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

TÉO, Marcelo Robson. A vitrola nostálgica: música e constituição cultural em Florianópolis (1930-1949). Porto Alegre: UFRGS. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

UNESP-ASSIS

FIUZA, Alexandre Felipe. Entre Um Samba e Um Fado: a censura e a repressão aos músicos no Brasil e em Portugal nas décadas de 1960 e 1990. Assis: UNESP-ASSIS. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. 2006.

BASTOS, Manuel Dourado. Notas de Testemunho e Recalque - Uma experiência musical dos traumas sociais brasileiros em Chico Buarque e Paulinho da Viola (de meados da década de 1960 a meados da década de 1970). Assis: UNESP-ASSIS. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. 2009.

UNICAMP

CHERÑAVSKY, Analía. Um Maestro no Gabinete: Música e Política no Tempo de Villa-Lobos. Campinas: UNICAMP. Dissertação (mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. 2003.

FERLIM, Uliana Dias Campos. A polifonia das modinhas: diversidade e tensões musicais no Rio de Janeiro na passagem do século XIX ao XX. Campinas: UNICAMP. Dissertação (mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. 2006.

GONÇALVES, Mariana Araujo. História e Identidade no carnaval das escolas de samba em Macapá (1975-2000). Campinas: UNICAMP. Dissertação (mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. 2001.

LIAN, Antônio Henrique. A Sinfonia 'Titã' de Gustavo Mahler e o segundo grau de significação no discurso musical: um estudo da semântica e estética da música. Campinas: UNICAMP. Dissertação (mestrado em História da Arte). Universidade Estadual de Campinas. 2003.

MENCARELLI, Fernando Antonio. A voz e a partitura: teatro musical, indústria e diversidade cultural no Rio de Janeiro (1868-1908). Campinas: UNICAMP. Tese (doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. 2003.

MURGEL, Ana Carolina Arruda Toledo. Alice Ruiz, Alzira Espíndola, Tetê Espíndola e Ná Ozzetti: produção musical feminina na Vanguarda Paulista. Campinas: UNICAMP. Dissertação (mestrado em História). Universidade estadual de Campinas. 2005.

SANTIAGO, Silvana. Tal Conceição, Conceição de Tal : classe, gênero e raça no cotidiano de mulheres pobres no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Campinas: UNICAMP. Dissertação (mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. 2006